

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTÍCIAS DA ACTIVIDADE CULTURAL. CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO DR. EDUARDO DE ALMEIDA E DA REVISTA DE GUIMARÃES; REVISTA DE GUIMARÃES. UM SÉCULO AO SERVIÇO DA CULTURA.

ALMEIDA, Justino Mendes de

Ano: 1984 | Número: 94

Como citar este documento:

ALMEIDA, Justino Mendes de, Notícias da Actividade Cultural. Centenário do Nascimento do Dr. Eduardo de Almeida e da Revista de Guimarães; Revista de Guimarães. Um século ao serviço da cultura. *Revista de Guimarães*, 94 Jan.-Dez. 1984, p. 479-496.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

REVISTA DE GUIMARÃES: UM SÉCULO AO SERVIÇO DA CULTURA

Transcreve-se o discurso do Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida, muito digno Vice-Presidente do Instituto Português do Património Cultural.

Digníssimas Autoridades Religiosas, Civas e Militares;
Excelentíssimos Confrades da Sociedade Martins Sarmento;
Senhor Presidente da Direcção da Sociedade Martins Sarmento:

Estou muito reconhecido à Direcção da Sociedade Martins Sarmento, e em especial ao seu digno Presidente, pelo amável convite que me foi dirigido para falar nesta sessão comemorativa do centenário da *Revista de Guimarães*, em nome dos colaboradores da *Revista*.

Se muito me sensibiliza tal convite, também muito me honra e responsabiliza. Na verdade, que missão mais grata ao meu espírito do que esta de falar por tantos e tão grados, quão ilustres, nomes que ficaram para sempre, de forma imarcescível e gloriosa, ligados às páginas de tão notável órgão cultural — dos mais notáveis que o País e o estrangeiro conheceram, de fonte portuguesa, nos últimos cem anos? E, por outro lado, que responsabilidade não representa, pela dificuldade que oferece, procurar apresentar, perante tão luzida e erudita assembleia, em tempo forçosamente escasso, uma súpula de qual foi o lugar da *Revista de Guimarães*, durante um século, na história da ciência e da investigação em Portugal, e simultaneamente na defesa dos valores locais, regionais e nacionais?

Apesar dos meus fracos recursos, entendi, no entanto, que não devia recusar tão espinhosa missão, pelo muito amor que consagro a esta Casa, mas na convicção de que encontrarei da parte de V. Ex.^{as} compreensão e benevolência para as minhas faltas.

Minhas Senhoras
e meus Senhores:

Há momentos da vida que nos ficam para sempre gravados na alma. Para mim, este será um desses. Direi porquê.

Tenho, desde que me reconheço devotado aos estudos humanísticos, isto é, haverá mais de 40 anos, seja pela Arqueologia, pela Epigrafia ou pela Numismática, seja ainda pela História, pela Linguística ou pela Literatura, tenho desde há muito, dizia, e mantenho reforçada uma autêntica veneração pela Sociedade Martins Sarmento, pela sua operosíssima actividade cultural e benéfica do saber, pelos Homens que a enobreceram no plano científico, nacional e de além-fronteiras, de Martins Sarmento a Mário Cardozo — para falar apenas do primeiro e de um dos últimos elos dessa extensa cadeia de cultores da Ciência já hoje libertos «da lei da morte», como a dar razão aos versos do Épico:

*O sábio não vai todo à sepultura:
Na memória dos homens vive e dura.*

Nunca, porém, se proporcionara a oportunidade de lhes prestar pública homenagem, o que faço neste dia com um sentimento, misto de emoção, de respeito e de gratidão tanto mais profundos quanto o faço nesta Casa, que todos consideramos como que um santuário de Cultura, e nesta data comemorativa do centenário da *Revista de Guimarães*, por eles fundada e elevada — e mantida pelos que lhes sucederam — a extremos de rigor no plano científico, e no plano patriótico a órgão propugnador dos interesses locais, regionais e nacionais. E neste aspecto obtém consenso geral. Mas, falar da *Revista de Guimarães*, do papel que desempenhou durante um século ao serviço da Cultura em Portugal, é simultaneamente exaltar a obra grandiosa da Sociedade Martins Sarmento, cuja fundação precedeu de três anos a criação da *Revista*.

É também pela *Revista de Guimarães* que o nome desta cidade, glorificada por muitos séculos de história, tantos quantos contamos como nação independente, de cujo acto sagrado foi testemunha presencial, é através da *Revista de Guimarães*, dizia, que o nome desta cidade, feito da raiz germânica regada pelo sangue português que lhe insuflou a seiva imperecível, chega a todo o mundo culto — e não esqueçamos que com ele chega ainda, e sobretudo, o nome de Portugal, essa realidade que, sempre triunfante das vicissitudes de homens e tempos, a tudo e a todos deve sobrelevar.

Nasce a *Revista de Guimarães* no ano de 1884, data que não foi, de forma alguma, das menos significativas nesse período de extraordinário florescimento cultural, em vários domínios, que foi a segunda metade do séc. XIX. Quatro anos antes, o País celebrou por entre uma vibração patriótica invulgar, o 3.º centenário da morte de Camões, acontecimento de tal forma importante que viria a influir na profunda e decisiva alteração dos seus destinos políticos. E não esqueçamos que esse mesmo ano de 1880 é o da realização em Portugal do Congresso Internacional de Arqueologia e de Antropologia Pré-Históricas, de que nos resta uma tão interessante documentação, e que representou um estímulo decisivo para Portugueses nessas áreas de estudos — para o que contribuiu não pouco a visita dos congressistas à Citânia de Briteiros. Não esqueçamos também que, nesse mesmo ano de 80, Martins Sarmento se torna ainda mais conhecido com a publicação da *Ora Marítima*, o texto do geógrafo latino Rúfio Festo Avieno, profusamente comentado, que tão grande repercussão alcançou entre os estudiosos, como motivador e detonador de reflexões sobre a origem dos Portugueses/Lusitanos.

Mas o ano de 1884 assiste ainda a outros acontecimentos de relevo histórico-cultural para o País, como seja, a fundação do Ateneu Comercial do Porto, a publicação do decreto de António Augusto de Aguiar relativo ao ensino técnico, ao início da realização da Conferência de Berlim, à expedição de Capelo e Ivens, de Luanda a Tete, da partida dos primeiros colonos da Madeira para o Sul de Angola, à publicação do *Sistema de Sociologia* de Teófilo Braga, e ao começo da publicação da famosa revista «literária e artística», *A Ilustração Portuguesa*.

Em 1884, portanto, nove anos antes da criação do Museu Etnográfico Português (1893) e onze anos antes da publicação do vol. I d' *O Arqueólogo Português* (1895), entendiam, e muito oportunamente, os fundadores e dirigentes da Sociedade Martins Sarmento que só através de uma publicação periódica poderiam os dados que a Ciência Portuguesa ia adquirindo ser presentes, apreciados e criticados nos centros da especialidade nacionais e estrangeiros. Era, e é, a forma mais correcta e eficiente de fazer progredir a Ciência: para o investigador, a crítica construtiva e saudável será sempre o maior estímulo para prosseguir com mais afincio o estudo iniciado.

A *Revista de Guimarães*, cuja história se identifica com a história da Ciência em Portugal no período de um século, é um documento disto mesmo, porque pelas suas páginas, aos milhares, perpassam com suas ideias e resultados de pesquisa, directa ou indirectamente, os nomes de quantos sobressaíram na Ciência no último século. Acolhendo essa colaboração, hoje, para nós, verdadeiro e inesgotável tesouro de conhecimentos, vejamos como se espelha nas várias áreas do saber, a começar pela Arqueologia e pela Paleoetnologia, que foram as primeiras preocupações científicas do verdadeiro fundador.

Mas antes convém recordar que a *Revista de Guimarães* é hoje uma das cinco revistas científicas mais antigas do País. Anteriores à sua criação temos as *Memórias da Academia das Ciências*, que vêm dos fins do séc. XVIII; *O Instituto*, que é de 1853; *Boletim da Associação dos Arqueólogos*, hoje *Arqueologia e História*, que é de 1865; e o *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, que é de 1876. Posteriores são já as *Comunicações da Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal*, a *Revista Lusitana* e *O Arqueólogo Português*, que datam de 1885, 1887 e 1895, respectivamente.

Em que circunstâncias surgiu a *Revista de Guimarães*? Di-lo expressamente uma nota da Direcção, constituída nesse ano pelos Senhores Drs. José da Cunha Sampaio, Avelino da Silva Guimarães e Avelino Germano da Costa Freitas, e Senhores Domingos Leite de Castro, António Augusto da Silva Caldas e António José da Silva Basto, na *Introdução* ao vol. I. Palavras suas:

«Não será decerto estranhável que os fundadores e primeiros administradores da Sociedade, que publica esta Revista, desejem deixar ao fim do segundo ano de gerência, numa publicação facilmente coleccionável, não só o memento de trabalhos auspiciosamente encetados e prosseguidos com felicidade, mas também o desenho ambicioso de suas vastas esperanças.

Poderá suceder que o seu pensamento seja já agora julgado incorrecto ou excessivo. Tenhamos porém a fé de que, passados os tempos, não curiosa volverá as páginas desta Revista, recordando com simpatia os nossos nomes esquecidos. Não porque outros não pudessem fazer melhor e muito mais; não porque resultados tão significativos sejam devidos a nós ou a nossos nomes; mas porque tivemos o sentimento da hora própria, a virtude da justiça, e tivemos a resolução.»

E mais adiante:

«Um esboço retrospectivo dos trabalhos mais importantes da Sociedade, desde a sua fundação até hoje, introdução necessária à intelligência dos boletins; e estes, que sairão sucessivamente em todos os números, onde dê estreita conta dos actos da direcção e do estado dos estabelecimentos da Sociedade, satisfarão o nosso desejo, que não será talvez alcunhado

de pueril, sendo ao mesmo tempo o cumprimento de um dever imprescindível.»

E depois, por forma muito significativa:

«A investigação miúda e perseverante é a base de todo o progresso científico. E dentro de tão estreitos limites, como são os do nosso concelho, há farta colheita de factos a fazer-se, dignos da inquirição dos estudiosos. Não será pois uma lástima que deixemos passar, indiferentes, à nossa vista, os factos vivos que vamos depois estudar mal, estudando-os só nos livros do estrangeiro? Deste esforço pela compreensão exacta e pelo indefinido progresso de todas as nossas cousas, não poderá ainda ressaltar mais de uma observação frutuosa, um pensamento aproveitável? E, mesmo que a nossa Revista não passe de um repositório de factos, será por isso indigna do incitamento dos sabedores?»

E numa clara alusão a Martins Sarmento:

«Não temos nós aqui, em nossa casa, o exemplo do quanto pode a erudição e sobretudo o perseverante exame dos factos no escabroso terreno da arqueologia pré-histórica?... Para conhecer um povo é necessário estudá-lo nas manifestações da sua vida material e moral e no seu meio físico. Só assim obteremos o conhecimento exacto de todas as circunstâncias, que podem modificar num ou noutra sentido a nossa forma de operar como sociedade de instrução. Certamente este trabalho levará tempo a fazer. Por isso nós, fundando hoje esta Revista, não contamos que ela morra amanhã... Teremos justificado o título que adoptamos? É realmente uma revista de Guimarães que nós fazemos, é pela sua prosperidade que nos dedicamos, são as suas condições de vitalidade que vamos estudar e documentar, é Guimarães que procuramos fazer conhecida e estimada pelo resto do País.»

Eis um programa, diremos nós a um século de distância, que não só foi escrupulosamente respeitado e cumprido, como até salutarmente ultrapassado.

O primeiro artigo da Revista — *Razão de Ordem. Para o Futuro Boletim* — da autoria do Dr. Avelino da Silva Guimarães, permite-nos conhecer melhor a origem primeira da *Revista*, contando-nos como, numa viagem de regresso de Vila Nova de Famalicão, aonde acompanharam o Dr. José Maria Pestana de Vasconcelos, então juiz em Paredes de Coura, ele, Avelino Guimarães, Martins Sarmento e Domingos Leite de Castro, estimulados em especial pelo verbo fluente de Sarmento, na descrição de lugares e alturas que percorrera em suas divagações arqueológicas, à mistura com a apreciação de temas sociais interessando a Guimarães, se criou nos três a convicção da necessidade de publicação de uma revista. Apresentada a proposta em sessão de Direcção, foi a mesma aprovada e, por último, autorizada pela Assembleia Geral. É esta, verdadeiramente, a origem da *Rev. de Guim.*, e é justo que, volvidos cem anos, se recorde quem o merece e se lhe preste a devida homenagem, não sem acentuar, como esclarece Avelino Guimarães, que o impulso decisivo se ficou a dever a Domingos Leite de Castro.

Este artigo de Avelino Guimarães é também fundamental para se conhecer como nasceu a Sociedade Martins Sarmento, por assim dizer na sequência do famoso Congresso Internacional de Arqueologia e de Antropologia Pré-Históricas de Lisboa, e da não menos famosa visita dos congressistas, guiados por Martins Sarmento, à Citânia de Briteiros, na manhã de 1 de Outubro de 1880, a que já aludi.

O segundo artigo deste vol. I é da autoria do eminente historiador das *Póvoas Marítimas*, Alberto Sampaio, que na *Revista* deixou farta colaboração, como veremos. Nele responde à pergunta «se conviria promover uma exposição industrial em Guimarães», considerações em torno de uma ideia então nova, «a necessidade da criação de uma indústria nacional». A resposta do patriarca dos estudos de história económica em Portugal é formulada nestes termos: «Uma exposição em Guimarães não só é conveniente, mas impõe-se como uma necessidade, se a considerarmos como o primeiro passo para o rejuvenescimento e aperfeiçoamento tanto das suas antigas indústrias como das que têm sido introduzidas nestes últimos quarenta anos.»

É certo que, em História, factos e personagens só poderão ser inteiramente compreendidos quando analisados e apreciados na perspectiva do tempo; no entanto, esta posição de Alberto Sampaio, indiscutivelmente válida na altura, também não perdeu de todo a sua validade se aplicada aos tempos modernos.

Este vol. I consagra ainda 17 páginas, da autoria do Dr. José Sampaio, ao sócio honorário n.º 1 da Sociedade, o Senhor Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmento, já então aureolado no mundo da ciência arqueológica pela publicação de estudos como *Os Lusitanos, Os Celtas na Lusitânia, a Ora Marítima — Estudo do Poema de Avieno na Parte Relativa à Galiza e a Portugal e Observações à Citânia do Snr. Dr. Emilio Hübnner*, além de vastíssima colaboração dispersa por revistas e jornais.

O volume contém ainda páginas de «crónica» e do «boletim»: nas primeiras, dá-se conta de casos ocorridos durante o ano em Guimarães; nas segundas, relata-se a actividade da Sociedade Martins Sarmento. Há ainda algumas páginas dedicadas a outros sócios honorários da Instituição, mas o núcleo essencial da colaboração neste vol. I é constituído por 8 artigos, dos quais sobressaem 2 de Martins Sarmento: *O Deus Bormânico — Subsídio para o Estudo da Mitologia dos Lusitanos e Materiais para a Arqueologia do Concelho de Guimarães*.

O primeiro trabalho apresentado por Martins Sarmento na *Rev. de Guim.* é baseado no estudo de inscrições de Vizela, e pretende ser uma achega para o esclarecimento do enigma da origem dos Lusitanos, que era, na opinião corrente, «céltica»; mas, já em outros trabalhos, Martins Sarmento procurara «demonstrar que esta opinião, em si suspeita por deixar no vago a noção etnográfica de Celtas, mal se sustentava em face das investigações históricas e das revelações da arqueologia». Martins Sarmento pronunciava-se pelo «germanismo» dos Celtas.

Quanto ao segundo estudo, é constituído pelos apontamentos coligidos em diferentes localidades de Guimarães «e com os monumentos à vista», trabalho extenso, mas que o seu autor considera «muito longe de ser um trabalho completo», que prossegue no vol. II e seguintes, e se ocupa de materiais arqueológicos, com relevo para os epigráficos, existentes no concelho.

Importante também é o artigo de Alberto Sampaio sobre «O Presente e o Futuro da Viticultura no Minho». Em síntese: neste vol. I se cumpre o plano anunciado: 2 artigos de interesse para a história económica da região, da autoria de Alberto Sampaio; 2 outros de Martins Sarmento, sobre temas de índole arqueológica e epigráfica, com base em materiais de Guimarães; e, finalmente, os trabalhos menores, com as crónicas da vida da Sociedade, sócios honorários e outras páginas cheias de informações úteis para quem deseje consagrar-se à história local.

O vol. II prossegue a execução do plano traçado pela Direcção, agora com mais trabalhos de natureza científica, como sejam o artigo de Leite de Vasconcellos sobre «Dialectos Minhos» (ou glosa do tema de João de Barros na *Gramática*: «...Antre Douro e Minho, conservador da semente portuguesa»), o artigo de Leite de Vasconcellos, dizia, subdividido em «Linguagem Popular de Monsão» e «Linguagem Popular do Soajo». Neste vol. continua também o estudo de Alberto Sampaio, iniciado no vol. I, sobre «viticultura», e bem assim o estudo de Leite de Vasconcellos, em sequência, desta vez dedicado à «Linguagem Popular de Baião». Outro artigo importante neste vol. II é o de Domingos Leite de Castro sobre *Gaspar Estaço de Brito*, «o patriarca dos historiadores de Guimarães» e autor do *Tratado da Linhagem dos Estaços*, da família daqueloutro Estaço, Aquiles, notável orador, comentador dos autores clássicos e bom poeta nas línguas grega e latina, a que acrescentava o conhecimento do hebraico. Ainda a continuação do trabalho de Martins Sarmento sobre «Materiais para a Arqueologia do Concelho de Guimarães», um extenso e bem documentado estudo de Alberto Sampaio sobre *Estudos de Economia Rural do Minho* — a terra, o clima, os homens e a administração pública, e novo artigo de Leite de Vasconcellos, *Dialectos Interammenses* (qualificativo que prefere a *Minhotos*), desta vez dedicados à «Linguagem Popular de Ponte do Lima», à «Linguagem Popular de S. Jorge», à «Linguagem Popular de S. Lourenço de Sande» e à «Linguagem Popular de Baião» (2.º artigo).

No vol. III salientam-se os trabalhos de Leite de Vasconcellos, *Dialectos Interammenses* — uma escavação, que é, afinal, uma reedição, comentada, do *Vocabulário de Palavras e Modos de Falar do Minho e Beira*, de D. Rafael Bluteau, espécie de *Suplemento ao Vocabulário Português e Latino*; os extensos e pormenorizados *Estudos sobre o Turf*, que prosseguem no vol. IV, e seguintes, de José Martins de Queiroz Minotes; uma *Notícia Arqueológica sobre o Monte da Cidade*, de Ricardo Severo e Artur Cardoso, publicada com um aditamento esclarecedor de Martins Sarmento; a continuação dos

artigos de Alberto Sampaio sobre a «Economia Rural do Minho», desta vez consagrados à «cultura do mato»; o importante e inovador estudo de Francisco Adolfo Coelho, o introdutor em Portugal dos métodos novos em Linguística, nascidos na Alemanha com Diez e Bopp, sobre «Vestígios das Antigas Línguas da Península Ibérica». Por último, o interessante estudo bibliográfico de João de Abreu sobre *Diogo Bernardes*.

O vol. IV, correspondente ao ano de 1887, contém nada menos que a tão valiosa «introdução» de Martins Sarmento a *Os Argonautas — Subsídios para a Antiga História do Ocidente*, tomando por base o poema de Apolónio de Rodes; Alberto Sampaio prossegue os seus «Estudos de Economia Rural do Minho»; um interessante artigo de Leite de Castro sobre *Folk-Lore*; um não menos interessante artigo de Avelino da Silva Guimarães, *Subsídios para a História das Indústrias Vimaraneses*; transcrição de parte dos *Estatutos dos Mestres Sapateiros e mais Ofícios desta Vila de Guimarães e Seu Termo*, documento de 1824; um extenso estudo de João da Mota Prego sobre *A Cultura da Beterraba no Minho*; um outro artigo de Avelino da Silva Guimarães sobre *A Reforma Judicial*; por último, o importante artigo de Martins Sarmento sobre *Inscrições Inéditas*, monumentos que vêm acrescentar-se aos que já estudara e enviara em artigo para a *Revista Lusitana*, provenientes do Castro de Avelãs, de Delães (V. N. de Famalicão), Vizela, Cerzedelo, Burgães (Santo Tirso), Ronfe, Castelo de Paiva, S. Tomé de Negrelos e Guimarães.

No vol. V salientam-se os artigos de Martins Sarmento, *A propósito dos «Roteiros de Tesouros»*, comentário ao «Roteiro dos Tesouros, que deixaram os Mouros, tirado de um livro dos próprios tesouros, que mandou fazer D. Félix, Rei Mouro»; a continuação do artigo de Avelino da Silva Guimarães, *Subsídios para a História das Indústrias Vimaraneses*; o interessante apontamento de Oliveira Guimarães, «Para a História de Guimarães»; o artigo de Alberto Sampaio, *A Propriedade e Cultura do Minho*; o excelente «relatório», rico de informações arqueológicas e epigráficas, «sobre as ruínas romanas descobertas junto da povoação de Castro de Avelãs no mês de Fevereiro de 1887 e sobre o reconhecimento que nas referidas ruínas fez José Henriques Pinheiro por conta da Sociedade Martins Sarmento; a conclusão do artigo de Martins Sarmento sobre «Materiais para a Arqueologia do Concelho de Guimarães», iniciado em volumes anteriores; neste vol. V contém-se ainda a tradução do capítulo *As Citânias e as Cidades Fortificadas do Minho*, extraído da obra de Em. de Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, tradução devida a Avelino Germano. Em nota preambular à tradução, recorda-se, muito a propósito, esta frase do Sr. De Quatrefages, um dos eruditos que visitaram a Citânia: «O estudo das citânias foi principiado e continuado pelo Senhor Martins Sarmento com tal perseverança e à custa de tais despesas, que fazem naturalmente lembrar o Senhor Schliemann.»

O artigo *Antigualbas*, também de Martins Sarmento, não desmerece dos anteriores, sobretudo pelo seu interesse epigráfico. Completam este

volume dois artigos: um de Leite de Castro, *Os Luso-Portugueses. Esboço de uma História* — o primeiro de uma série de artigos sugeridos pela publicação dos *Argonautas*, de Martins Sarmento; e outro de Oliveira Guimarães, *Apontamentos para a História de Guimarães*, na sequência de artigo anterior.

O vol. VI abre com a continuação do artigo de Leite de Castro sobre «Os Luso-Portugueses — Esboço de uma História», com páginas dedicadas aos Lígures, tudo na esteira de Martins Sarmento. Segue-se a continuação do artigo de Martins de Queiroz «Estudos sobre o Turf», ocupando-se nesta parte final dos «diferentes modos de montar e fazer saltar os cavalos destinados às corridas de obstáculos». Seguem-se 5 páginas preenchidas com um interessante estudo de «Duas Inscricões Romanas Inéditas», da autoria de José Henriques Pinheiro. As páginas seguintes são dedicadas à sequência do artigo de Leite de Castro sobre «Os Lígures», povo identificado com os Lusitanos, como fizera Martins Sarmento; do seu nome teria derivado mesmo o dos Lusitanos, através das formas *Ligusetani*, *Liusetani*, *Lusitani*, dedução hoje não seguida. Oliveira Guimarães prossegue a publicação de documentos de interesse histórico, inéditos dos sécs. XII a XV, desta vez relativos ao Mosteiro de Souto.

Dois acontecimentos importantes regista ainda este vol. da *Revista* relativo a 1889: a instalação da Sociedade Martins Sarmento no Convento de S. Domingos e a criação, na Secção de Arqueologia, de uma classe de sócios correspondentes. O vol. contém ainda mais umas páginas do artigo de Leite de Castro, dedicadas aos «Lusitanos no Período Romano»; este erudito investigador é também o autor de um curioso artigo sobre a «História da Lusitânia segundo Estrabão»; por último, um longo trabalho de Abílio de Magalhães Brandão, *Apontamentos Folclóricos Famalicenses*, de interesse variado nos domínios da etnologia.

Este extenso volume de 216 pp. poderia servir de modelo ao cumprimento do programa que se propôs a Direcção no vol. I da *Revista*, pois reúne artigos de interesse para Guimarães em geral e para a Sociedade Martins Sarmento, a par de trabalhos científicos nas áreas da Arqueologia, da Epigrafia, da Etnologia, da História e da Diplomática. Poderíamos terminar aqui a nossa análise dos mais antigos volumes da *Revista de Guimarães*, a fim de definirmos com exactidão os seus caracteres, Mas julgámos que haveria vantagem em ir mais longe, e percorrer mais uns quantos volumes.

O vol. VII, além dos habituais artigos de crónica da cidade e dos «boletins» com as actividades da Sociedade Martins Sarmento, contém ainda a continuação dos «Estudos sobre o Turf» e da transcrição de mais documentos sobre o Mosteiro de Souto, além da reprodução da Lei de 2 de Maio de 1878, «que abriu um novo período de actividade na organização e difusão da instrução primária», campanha que a sociedade sempre favoreceu e estimulou por todos os meios ao seu alcance. Mas o mais importante artigo deste volume é da autoria de Martins Sarmento, que o dedica aos seus amigos Domingos Leite de Castro e Alberto da Cunha

Sampaio, intitulado *Lusitanos, Lígures e Celtas*, que é uma resposta a Francisco Adolfo Coelho, professor de *Glótica* no Curso Superior de Letras, e que já colaborara no vol. III da *Revista*. Um outro artigo, digno de menção, é da autoria de A. de Matos Chaves e trata de *Química Industrial — Galvanoplastia*; importantes são ainda os «Apontamentos Folclóricos», de Abílio de Magalhães Brandão, na sequência do artigo publicado no vol. VI. Portanto, mais um volume de colaboração variada, da ciência à técnica, e desta à pedagogia.

O vol. VIII abre com a parte final do artigo de Martins Sarmento, em réplica a Adolfo Coelho: *Lusitanos, Lígures e Celtas*. Sarmento em polémicas era vigoroso; assim terminava esta resposta ao grande pedagogo, quão impertinente crítico, que era Adolfo Coelho: «Se o profundo pensador prefere a companhia dos seus beócios, está no seu direito. Eu, para que não haja beócios de mais, deixo-o por agora e prefiro meditar numa das máximas da sabedoria popular.»

Neste volume se inicia, por intermédio do P.e Abílio de Passos, a publicação de um índice das cópias autênticas de documentos da Torre do Tombo relativos à Colegiada de Guimarães, e Abílio de Magalhães Brandão prossegue os seus interessantes «Apontamentos Folclóricos», enquanto J. F. Costa inicia a publicação do «Catálogo das moedas e medalhas portuguesas existentes na colecção da Sociedade Martins Sarmento», e o P.e Abílio de Passos publica a transcrição dos celebérrimos «Privilégios das Tábuas Vermelhas», de tanta importância para a história da Colegiada de Guimarães; importante também é o artigo do Padre Abílio A. de Passos sobre a «Capela de Santo Estêvão», da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, e bem assim o de Abel Andrade sobre «Sá da Bandeira e as Missões Religiosas», em que o autor refuta as asserções do marquês de Sá da Bandeira que sustentava a «desnecessidade e inutilidade das missões religiosas». Segue-se um artigo de Avelino da Silva Guimarães sobre «Arrendamentos: o processo de despedidas», que é uma apreciação crítica do projecto de lei reformadora das disposições do Código Civil tendente a coarctar a prática de abusos dos senhorios de prédios urbanos.

No vol. IX, correspondente a 1892, além dos artigos que são sequência de trabalhos anteriores, vemos, em apêndice, a publicação dos documentos relativos à «Questão da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira»; a primeira parte de um artigo sobre «Os Missionários Portugueses na África Ocidental», a que se segue a publicação de uma conferência feita na Sociedade Martins Sarmento por Astier de Villate sob o tema: «Constituição geológica do Minho. Necessidade de renovar os processos de cultura»; uma nota de Avelino Guimarães sobre o «Convento de Santa Clara de Guimarães» e, por último, os «Apontamentos Folclóricos Famalicenses: Lendas de Mouras Encantadas», da autoria de Abílio de Magalhães Brandão.

O vol. X, além da continuação dos artigos anteriores, contém novos trabalhos de Damião Martins, *Uma Página da Nossa África*, «uma das gran-

des esperanças da alma pátria», dizia o autor, «apavorada com a revelação geral das ruínas na economia nacional, nos recursos do Estado... a par de tributações excessivas...»; muito importante é ainda a continuação do estudo de Martins Sarmiento sobre «Lusitanos, Lígures e Celtas», a que se segue o interessante estudo de Abel Andrade intitulado *Importância do Clero*. Mas este vol. X daria acolhimento ao notável estudo de Alberto Sampaio, que provocou verdadeira revolução cultural; refiro-me ao artigo sobre «As vilas do Norte de Portugal: estudo sobre a propriedade no tempo dos Romanos e povos germânicos». Anote-se ainda uma exposição de Joaquim José de Meira sobre a «Descentralização dos exames de instrução primária», e, por último, a homenagem de Avelino Guimarães a Martins Sarmiento, «o grande arqueólogo vimaranense», como se escreve em subtítulo, e com justa razão.

Terminámos assim esta análise dos primeiros 10 volumes da *Revista de Guimarães*, e nada impediria que a continuássemos, para concluir que o programa anunciado no vol. I não só foi cumprido, mas até excedido. Anotemos ainda a periodicidade de publicação exemplar. Não queríamos, no entanto, passar adiante sem fazer uma referência especial a Leite de Vasconcellos, colaborador da *Revista* logo no vol. II, às suas relações com Martins Sarmiento, e à suspensão da sua colaboração.

A primeira referência de Leite de Vasconcellos à *Revista de Guimarães* lê-se numa carta endereçada a Martins Sarmiento nos finais do ano de 1886, ou inícios de 1887, nestes termos (v. a correspondência de Leite de Vasconcellos para Martins Sarmiento, publicada por Mário Cardozo):

«Recebi ontem a *Revista de Guimarães*, que muito me agradou.»

Em certos passos deste epistolário, Leite de Vasconcellos lamenta-se por a não receber, manifestando também desta forma o seu interesse pela sua publicação. Depois, ao longo dos volumes d'*O Arqueólogo Português*, são frequentes as alusões à *Revista*, a principiar no vol. I, com uma notícia dos n.ºs 3 e 4 (Out. de 1895), e outras nos volumes seguintes. Como dissemos já, Leite de Vasconcellos foi ainda colaborador da *Revista*, com artigos de dialectologia nos Vols. II e III (1885 e 1886), não tendo chegado a publicar um artigo «acerca da linguagem popular da cidade», que prometera a Martins Sarmiento em carta de 20 de Janeiro de 1881. Mais tarde (Porto, 1900), colaborou no número especial dedicado a Martins Sarmiento, tendo então publicado extractos de cartas de Sarmiento para si, precedidas destas elucidativas palavras:

«Como mantive em tempo correspondência aturada com F. Martins Sarmiento, possuo dele grande número de cartas.

De entre elas escolho, por serem as que tenho mais à mão, as que abrangem o período de 1881 a 1883, para daí extractar algumas notícias que dizem respeito à vida científica do benemérito arqueólogo, cujo passamento a cidade de Guimarães, como seu berço, hoje piedosamente mais uma vez comemora.

As minhas relações com Martins Sarmiento datam dos fins de 1879.

Foi o meu prezado amigo, e seu primo, o Snr. Conde de Margaride quem me apresentou a ele, por ocasião de uma fêria: escolares que eu passava em Guimarães. A primeira vez que lhe falei, estava Martins Sarmiento à banca, à noite, a trabalhar na primeira edição do seu estudo da *Ora Maritima* de Avieno. A mim prendeu-me imediatamente o modo lhanu como me recebeu, tendo ele então já firmado os seus créditos de erudito, e sendo eu nas letras mero principiante. Recordo-me que logo nessa noite falámos muito. Depois disso não me faltou ensejo de estar com ele, porquanto, durante a época da minha formatura no Porto, eu ia a Guimarães frequentemente nas férias. Com Sarmiento realizei mesmo algumas excursões arqueológicas, pelos arredores da sua cidade natal, à Citânia de Briteiros, a Soajo. Conquanto eu a esse tempo andasse na febre da colheita das tradições populares portuguesas, e no começo dos meus estudos filológicos, já sentia bastante inclinação para a arqueologia, à qual, por dever dos meus cargos oficiais, e para a execução do plano dos meus trabalhos, tive posteriormente também de consagrar-me: o contacto com Martins Sarmiento não afrouxou, decerto, essa inclinação!

Vêem, pois, os leitores que não é sem saudade que venho reler, para, como disse, as extractas, as cartas, que dele possuo, dos primeiros anos das nossas relações.

A par dos seus méritos científicos, Martins Sarmiento dispunha de méritos literários. Escrevia com muita facilidade. As suas cartas — como em geral todos os seus escritos, mesmo os mais sérios — participam também dessa simplicidade que caracteriza a linguagem familiar e despreocupada. Sarmiento escrevia pouco mais ou menos como falava. O que nas cartas se torna um encanto, não direi contudo que por vezes nos escritos graves não destoe um pouco da natureza do assunto. Antes de ser arqueólogo e erudito, Martins Sarmiento foi literato. Na mocidade escreveu versos e folhetins. Assim em parte se explica que no período em que as investigações arqueológicas o absorviam, a feição literária não desamparasse o investigador. Por isso os extractos que ofereço ao público, além dos factos que encerram para o conhecimento da vida científica de Martins Sarmiento, proporcionarão aos leitores algum agrado, devido à amenidade da linguagem.

Claro está que deixo de parte tudo o que não contiver interesse immediato. Omitto muitas cartas.»

Seguem-se os extractos de 22 cartas (uma sobre *tradições populares* da Serra da Estrela é transcrita na íntegra), plenas de informações, a exigir que, assim como Mário Cardozo publicou a correspondência de Leite de Vasconcellos para Martins Sarmiento na íntegra, tenhamos um dia também a edição completa das cartas de Martins Sarmiento a Leite de Vasconcellos, para informação e benefício de todos nós.

Esclarecedoras são também as palavras de Leite de Vasconcellos no final desta publicação:

«Sarmiento ia-me contando sucessivamente os seus prazeres arqueológicos: notícias que lhe vinham, passeio que dava, descobrimentos que fazia.

Como fruto eloquente de todo o seu afã, aí estão os numerosos artigos e memórias que trouxe a lume, a restituição da Citânia e de Sabroso, e o rico e valioso Museu de Guimarães, que, com a colaboração de dedicados amigos e conterrâneos, teve a glória de organizar.

Oxalá que o exemplo que ele legou aos vimaranenses lhes esteja, como é de esperar, sempre presente, e que a seara que o infatigável arqueólogo semeou, não só não fique perdida, mas, pelo contrário, se melhore e aumente de dia para dia!»

Palavras que são simultaneamente de homenagem a Martins Sarmiento e de gratidão por quanto reconhece ter ficado devedor ao sábio vimaranense, e ao seu convívio, na área dos estudos arqueológicos. Nelas julgamos entrever também, ainda que ao de leve, uma certa atitude de arrependimento que, com o volver dos tempos, não raro procura, em espíritos superiores, apagar, se ainda existam, quaisquer vestígios de mágoa, tantas vezes provocada por «verduras da juventude», e a que todos estamos sujeitos... É conhecido como em determinado momento se cria, infelizmente, entre os dois estudiosos um diferendo que nada aproveitou aos progressos da ciência arqueológica em Portugal. A questão, que teve origem num comentário de Leite de Vasconcellos à afirmação de Martins Sarmiento de que, «segundo Estrabão e outros o deus principal dos nossos antepassados era Marte», viria a azedar-se com a resposta de Martins Sarmiento e a réplica de Leite de Vasconcellos, publicadas no vol. IV d'*O Arqueólogo Port.* (pp. 239-240, 1898), e a tréplica de M. S., que se lê no vol. XVI da *R. G.* (1899): «Quando chegar ocasião oportuna, exporei os argumentos, que em diferentes fontes colhi e me levaram a concluir que o Marte, de que nos fala Strabon, não era só um dos deuses principais dos Lusitanos... mas o principal...»

Não existia, digamos, motivo grave de ofensa; eram reparos limitados a aspectos de exactidão científica, mas os dois eruditos não se permitiam, mutuamente, a mais leve beliscadura, lesiva dos seus créditos de estudiosos sérios e já respeitados. E, se Leite de Vasconcellos ainda iniciava, por assim dizer, um percurso, que, no entanto, já se pronunciava fulgurante, M. S., por sua vez, era o estudioso cujas capacidades o País e o estrangeiro reconheciam e admiravam, através de uma obra já publicada, enfrentando, com sucesso, o tratamento de temas inovadores, até então minimamente ou mesmo não versados, plenos de risco, como fosse a origem dos Lusitanos, o comentário à *Ora Maritima*, o mais importante texto para o estudo da paleogeografia hispânica, e outros.

As relações permaneceram tensas, mas, por fim, L. V. colabora no número especial da *R.*, dedicado a M. S., nele deixando para sempre as palavras, que intencionalmente transcrevemos acima, como que encerrando um incidente, ocasionado *por bem*. Que Leite de Vasc. não tinha reservas em relação à *Rev.*, prova-o também a colaboração que lhe deu, mais tarde, no vol. comemorativo do cinquentenário da Revista de Guimarães, com o artigo *A Ucanha e o seu Pelourinho*, dos últimos que o Mestre redigiu.

Como quer que seja, Martins Sarmiento e Leite de Vasconcellos passaram à posteridade, e serão poucos, muito poucos, os que se não tenham acolhido à protecção destas divindades — permiti que assim os designe — tutelares da arqueologia em Portugal, ou seja, que não tenham bebido na obra que nos legaram a seiva de que principalmente se alimentam ainda hoje.

*
* *

Voltemos à *R. G.*, para apreciar mais uns quantos volumes, já que os não podemos apreciar todos aqui, e verificarmos que se manteve fiel ao seu programa inicial, sem quebra do nível de colaboração, antes ampliando o seu número de páginas, o que, para quem tem algum convívio com estas actividades, não deixa de surpreender favoravelmente, pelo esforço imenso que documenta. Não basta, para assegurar a publicação periódica de uma revista de tão grande projecção e tradição científica, assegurar os meios financeiros necessários para tal (e sabemos bem que dificuldades não foi, e não tem sido, preciso enfrentar!), não basta assegurar os meios financeiros, dizia; há que obter colaboração que não desmereça do nível da revista, colaboração não remunerada; há que rejeitar, o que doloroso se torna, aquele original que não dignifique a *Rev.* e a *Soc. M. Sarm.*; há que enfrentar as situações de quase conflito provocadas quer pela demora na revisão de provas, quer na própria tipografia, por exigências de diversa ordem; numa palavra: quem dirige e tem a responsabilidade da publicação de uma revista como a *Rev. Guim.*, não gozará, só por isso, de uma vida tranquila, sujeito como está a trabalhos e mais trabalhos, preocupações sobre preocupações, e ainda para mais, como tantas vezes acontece, sujeito a uma crítica injusta, que é afinal o mais doloroso e o que mais custa a suportar. Mas, enfim, vale a pena prosseguir: o saldo é francamente positivo — e aí estão cem anos de uma revista que honra o País, honra Guimarães, honra a Sociedade Martins Sarmiento.

Mas, voltando à *R.*, como dizíamos, e folheando quase ao acaso mais uns quantos volumes, havemos de verificar que, com os tempos, se mantém fiel ao ideal dos seus fundadores, e se enriquece na qualidade da colaboração quanto no número de páginas.

Assim, no vol. XVI, correspondente a 1899, ano fatídico para a Sociedade, pela morte do seu patrono e mais digno ornamento, vemos a continuação dos excelentes *Materiais para a Arqueologia do Concelho de Guimarães*, de Martins Sarmiento, e bem assim o *Catálogo das Moedas Romanas, Celtiberas e Visigodas pertencentes à S. M.*, elaborado por Albano Belino, e o início da publicação, por Oliveira Guimarães, de 22 cartas do P.e Bartolomeu do Quental, fundador da Congregação do Oratório, existentes na biblioteca da Sociedade.

O vol. XVII, correspondente a 1900, contém o óptimo artigo de Joaquim de Vasconcelos sobre *Os panos de raça em Portugal*, enquanto o Abade Oliveira Guimarães, infatigável colaborador da *Rev.*, publica um trabalho sobre *Inscrições Inéditas*. Mas esse mesmo ano de 1900 assiste a um acontecimento muito importante na história da *Rev.* Refiro-me à publicação do *número especial*, homenagem a Francisco Martins Sarmento; nele colaboram, de forma por vezes breve, mas muito significativa, todos os vultos grados da ciência e da erudição em Portugal; e do estrangeiro, pela voz do sábio Emílio Hübner, cuja mensagem seria só por si justificativa de tal publicação. Redigida na língua do Lácio, em que Hübner era mestre, no seu estilo sóbrio, terso e elegante, de que nos deixou exemplos em várias publicações portuguesas, não nos dispensamos de referir aqui alguns passos significativos dessa mensagem «*Memoriae Aeternae Francisci Martins Gouvea de Moraes Sarmento*», pelo que representa de sincera admiração pelo sábio vimaranense, como homem e como investigador:

... Franciscus Sarmento, investigator praeclarus Citaniarum, Avieni interpres sagax, Argonautarum in longinquis occidentis regiones, ubi ipse natus est uitamque degit omni bono honestoque dedicatam, dux intrepidus, historiae patriae nec non Musarum cultor felix, vir ingenio, doctrina, morum comitate, sermoni eleganti facetiisque pleno insignis...

... Francisco Sarmento, notável investigador das Citânias, hábil intérprete de Avieno, intrépido condutor dos Argonautas até às longínquas regiões do Ocidente, onde ele mesmo nasceu e levou uma vida inteiramente consagrada a fazer bem e a proceder honestamente, afortunado cultor da história e da poesia, cidadão de grande talento, erudição, de costumes afáveis, de estilo elegante e multifacetado...

... manet manebitque memoria viri praeclari non tantum inter cives suos, sed apud omnium gentium homines.

... a lembrança de tão notável cidadão permanece e permanecerá não apenas entre os seus concidadãos, mas nos homens de todas as nações.

E por último:

Vixit mihi amicissimus; amicitiae et admirationis testimonium hoc scripsi in vico Helvetiorum inter lacus duos sito (Interlaken) d. XIX m. Augusti a. M. DCCC. XCIX.

Em vida foi muito meu amigo; eu redigi este testemunho de amizade e de admiração numa localidade da Suíça situada entre dois lagos (Interlaken), em 19 de Agosto de 1899.

É, na verdade, eloquente este testemunho do grande Hübner, essa extraordinária figura de sábio epigrafista que tão apaixonadamente estudou

as lápides da Hispânia e mantinha por Martins Sarmiento tão profunda estima e admiração. O mesmo Hübner que, em carta de saudação a Martins Sarmiento, datada de Berlim, 28 de Fevereiro de 1898, o considerava «honra do seu país e alegria dos seus amigos».

Por tudo isto dissemos no início desta anotação que, só pela divulgação da mensagem latina de Hübner, em homenagem a Martins Sarmiento, teria valido a pena publicar este número especial da *Revista de Guimarães*.

*
* *
*

Mas levemos um pouco mais longe a apreciação de volumes da *Revista*.

No vol. XVIII, de 1901, publica-se a portaria de louvor, assinada pelo Ministro Hintze Ribeiro, em 8 de Março de 1901, e cujo texto parece oportuno recordar:

«Tendo chegado ao conhecimento de Sua Majestade El-Rei os relevantes serviços prestados à instituição da sociedade portuguesa pela benemérita Sociedade Martins Sarmiento, de Guimarães, serviços que hão contribuído poderosa e eficazmente não só para o desenvolvimento da instrução nacional, mas ainda para a constituição científica da história pátria: determina o mesmo augusto Senhor que àquela Sociedade seja dado público testemunho do seu real agrado.»

No mesmo volume continuam os riquíssimos materiais para a arqueologia do concelho de Guimarães, e vemos nele ainda três páginas dedicadas por Oliveira Guimarães a Emílio Hübner. Impressionante! No dia 21 de Fevereiro de 1901 recebia o Abade uma carta de Hübner, datada de 16, «com profícuos ensinamentos para a leitura e interpretação de duas inscrições do Museu da Sociedade»; nesse mesmo dia, chega a Guimarães a notícia da morte de Hübner! O sábio epigrafista terá, assim, dedicado nos últimos dias de vida a sua desvelada atenção a duas inscrições aqui existentes.

Ainda neste vol. XVIII, um facto importante deve ser assinalado: trata-se da publicação pelo Abade Oliveira Guimarães do Catálogo do Museu Arqueológico, que organizou e dirigiu, desde 4 de Maio de 1884, juntamente com Martins Sarmiento e o P.e António José Ferreira Caldas.

No vol. XXVII, relativo a 1910, salientam-se os artigos do Abade Oliveira Guimarães com a publicação do Arquivo da Colegiada de Guimarães, a divulgação de *notícias* relativas ao Mosteiro de Santa Marinha da Costa, e a continuação da publicação dos *Subsídios para a História Vimaranense no tempo do Prior do Crato*.

Saltando depois para o vol. XL, de 1930, verificamos que se trata de um bom exemplo da diversidade de matérias características da *Revista de Guimarães*. Nele se lêem as «Cartas de Martins Sarmiento ao Padre Martins Capela», plenas de informações; o artigo do Dr. Pires de Lima, que é uma conferência proferida aqui na Sociedade sobre *Demografia e Ensino*; e trabalhos de natureza etnográfica por Alberto Braga.

Neste volume assume, porém, especial relevo um notável artigo do então catedrático da Universidade de Barcelona, Pedro Bosch Gimpera, em versão portuguesa de Mário Cardozo, sobre *A Investigação Arqueológica em Espanha*.

O vol. XLIX, de 1939, é também, como vemos, pleno de interesse. Inclui, entre outros, os seguintes trabalhos: *A Correspondência entre Martins Sarmiento e o Marquês de Sousa Holstein*; a conclusão do excelente trabalho de Mário Cardozo, *Citânia de Briteiros — Alguns aspectos etnográficos e sociais da nossa proto-história*; *Páginas Inéditas*, de Félix Alves Pereira, esse grande estudioso e arqueólogo injustamente esquecido; o interessante estudo de Cláudio Basto, esse profundo conhecedor do tesouro vocabular da Língua Portuguesa, sobre «Uma Quadra Popular Portuguesa na Literatura Estrangeira»; e, por último, o precioso «Inventário das moedas de ouro e prata, e outros objectos valiosos do Museu de Martins Sarmiento», devido a Mário Cardozo.

Mas o vol. L, de 1940, em plenas Comemorações Centenárias, que tanto prestigiaram o País e os governantes, é um marco decisivo na história da nossa revista. Com ele se comemorava o Cinquentenário da *Revista*. É caso para recordar, com justiça, o texto da Portaria de Louvor, assinada em 9 de Fevereiro de 1940, pelo Ministro da Educação Nacional, António Faria Carneiro Pacheco:

«Considerando que a Revista de Guimarães, órgão científico e cultural da Sociedade Martins Sarmiento, é uma das mais antigas publicações do País, completando no corrente ano o seu 50.º volume;

Considerando que a mesma Revista tem prestado assinalados serviços à instrução pública e prestigiado honrosamente os estudos portugueses no campo da investigação arqueológica e histórica;

Considerando que a referida publicação é bastante conhecida e apreciada, mesmo fora de Portugal, pelo que tem contribuído para o intercâmbio científico do nosso país com outros meios culturais estrangeiros;

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministério da Educação Nacional, louvar a Sociedade Martins Sarmiento, prestímosa instituição vimaranense de utilidade pública, pela persistência e elevado critério com que, durante 50 anos, tem sabido manter a publicação de uma revista trimestral de estudos históricos e arqueológicos, intitulada *Revista de Guimarães*, de comprovado merecimento e manifesto interesse cultural.»

O sumário deste volume é um índice do alto nível científico dos seus colaboradores: artigos de Leite de Vasconcellos, *A Ucanha e o Seu Pelou-*

rinho (a que já nos referimos); de Adolfo Schulten, *Os Tirsenos em Portugal*; de António García y Bellido (que ainda conheci e vi pela última vez nesta Casa), *El Castro de Coañas (Astúrias)*, a par de outros qualificados e prestigiados investigadores portugueses: Mário Cardozo (Arqueologia); Alberto Braga (História e Etnologia); Augusto César Pires de Lima (de notável e diversificada erudição); Xavier da Costa (História da Arte); Luís Pinto García (Numismática); Luís Chaves (Etnologia); Pedro Vitorino (Iconografia), e ainda outros.

*
* *

Penso que com a apreciação destes volumes, poucos num conjunto de 92 volumes já publicados, apreciação embora rápida, terei dado uma noção da natureza da *Revista de Guimarães* e do seu papel na História da Cultura em Portugal durante um século, e bem assim do alto nível dos seus colaboradores. Todos deveriam ser aqui lembrados, se não fosse tão elevado o seu número. Mas, ao menos, recordemos os mais antigos: Martins Sarmento, Alberto Sampaio, Leite de Vasconcellos, Teófilo Braga, Abade de Tagilde, Padre Martins Capela, Rui de Serpa Pinto, Mendes Correia, Joaquim de Vasconcelos, Ricardo Severo, Agostinho de Campos, Afonso Lopes Vieira, Antero de Figueiredo, Trindade Coelho, João de Meira, Eduardo de Almeida, Hernâni Cidade, Magalhães Basto, Cordeiro de Sousa, Rodrigues Lapa, Adriano Rodrigues, Fidelino Figueiredo, Manuel Monteiro, Raul Brandão, Vieira Braga, Pedro Vitorino, Cláudio Basto, Mário Cardozo, Luís Chaves, Rocha Madahil, tantos outros; e dos estrangeiros, Hübner, Paul Choffat, Virchow, Schulten, Bouza-Brey, Cuevillas, Bosch Gimpera, García y Bellido, e outros.

*
* *

Com Mário Cardozo alcança a *Revista de Guimarães* grande desenvolvimento e expansão. O saudoso investigador elevou-a a grande altura, assegurando-lhe uma cuidada colaboração de nacionais e estrangeiros, privilegiando, contudo, as ciências arqueológicas.

E a *Revista de Guimarães* hoje? Aí temos o vol. XCII, correspondente a 1982, comemorativo do Centenário da Sociedade Martins Sarmento, a dar-nos testemunho de quanto são capazes os homens que presidem a esta Instituição. Mais de 500 pp., que não se afastam do programa inicial, pois nele se lêem, para além da justa homenagem ao Coronel Mário Cardozo, artigos de História, geral e local, Etnologia, Arqueologia, Numismática, acrescidos de um extensíssimo noticiário da autoria do Presidente,

Senhor Eng. José Maria Gomes Alves, meu eminente confrade na Academia Portuguesa da História.

É o momento para formular um voto: porque se não pensa reunir, em volumes separados, os artigos publicados na *Rev. de Guim.* sobre determinada matéria, como seja a Arqueologia, se esses volumes se tornariam verdadeiros manuais e vademecos para estudantes e estudiosos dessas disciplinas?

E, agora, que futuro para a *Revista de Guimarães*? Apesar das imensas dificuldades que terá de enfrentar, agravadas dia a dia, nada nos faz pensar que não prossiga com firmeza as sendas que vem trilhando há um século, ao serviço da Ciência. Mas, para tanto, será necessário que lhe não regateemos todos o nosso esforço, apoio e colaboração.

Por mim, não hesito em afirmar que não deixarei de fazê-lo, como preito de homenagem aos que já nos deixaram, embora sempre aqui presentes, e aos que hoje presidem aos destinos desta Casa, na convicção de que, assim procedendo, serviremos no campo da Ciência, de que a *Revista de Guimarães* é um magnífico exemplo, o Nome português.

E, finalmente, o *Programa* do

SARAU DE MÚSICA DE CÂMARA

Ária «O del mio amato ben» — *S. Donaudy*

Ária «Amour viens aider ma faiblesse» da ópera «Sansão e Dalila»
— *Saint-Saëns*

«Habanera» da ópera «Carmen» — *Bizet*

Canto — *Isabel Mallaguerra*

Piano — *Fernanda Wandschneider*